

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

JOSÉ PEREIRA DA SILVA E SEU LEGADO PARA AS LETRAS

Nataniel dos Santos Gomes (UEMS)

natanielgomes@gmail.com

RESUMO

José Pereira da Silva (1946–2020) foi mais uma das vítimas da Covid-19. Mineiro, de Dom Cavati, radicado na capital carioca, o mais velho dos 13 filhos de um casal de agricultores. Ele colaborava com inúmeras instituições em todo o país, como professor convidado, ou organizando seus eventos, tais como Congressos, Jornadas, Simpósio, criação de revistas, entre tantas outras contribuições. Ele foi um professor, respeitado por muitos colegas no meio acadêmico, pelo CIFEFiL (Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos), onde foi diretor-presidente, e por inúmeros alunos. Ele era mestre em Linguística e Filologia e doutor em Linguística, ambos pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, aposentado pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro e membro da Academia Brasileira de Filologia. A presente fala é uma tentativa de registrar que não há nada capaz de reparar uma perda assim, que nos solidarizamos com quem fica e, em honra da memória dele, que se foi, é preciso continuar vivendo. É preciso transformar o luto em uma luta pela vida e transformar a dor em saudade e serenidade para fazer a diferença, assim como ele nos ensinou pela generosidade e o coração bondoso.

Palavras-chave

Filologia. Letras. José Pereira da Silva.

RESUMEN

José Pereira da Silva (1946–2020) fue una víctima más del Covid-19. Mineiro, de Dom Cavati, afincado en la capital de Rio de Janeiro, el mayor de los 13 hijos de una pareja de agricultores. Colaboró con numerosas instituciones de todo el país, como profesor invitado, u organizando sus eventos, como Congresos, Jornadas, Simposios, creación de revistas, entre muchas otras contribuciones. Fue profesor, respetado por muchos compañeros del mundo académico, por el CIFEFiL (Círculo Fluminense de Estudios Filológicos y Lingüísticos), donde fue CEO, y por innumerables alumnos. Fue maestro en Lingüística y Filología y doctor en Lingüística, ambos de la Universidad Federal de Rio de Janeiro, jubilado de la Universidad Estatal de Rio de Janeiro y miembro de la Academia Brasileira de Filología. El presente discurso es un intento de dejar constancia de que no hay nada capaz de reparar tal pérdida, que simpatizamos con los que quedan y, en honor a su memoria, que se fue, es necesario seguir viviendo. Es necesario transformar el duelo en lucha por la vida y transformar el dolor en anhelo y serenidad para marcar la diferencia, tal como él nos enseñó con generosidad y buen corazón.

Palabras clave

Filología. Letras. José Pereira da Silva.

1. Introdução

José Pereira da Silva era o mais velho dos 13 filhos de um casal de agricultores. Nasceu em 1946, no interior de Minas Gerais, em Dom Cavati. Ele viveu ali até os cinco anos de idade, onde conviveu com seu avô paterno, José Pereira Lopes.

Em Dom Cavati iniciou seus estudos, sendo alfabetizado inicialmente pelo próprio pai e só tardiamente foi matriculado regularmente em uma escola. Entre 1959 e 1960, José Pereira estudou nas Escolas Reunidas Dona Luíza Batista, no patrimônio Dom Cavati (município de Inhapim), apesar de residir em São João do Oriente (município de Iapu), porque, além de estar bem mais perto, segundo ele, “os serviços públicos em Dom Cavati eram melhores”.

Apesar da defasagem de idade, se destacava dos outros colegas em sua aprendizagem, a ponto de o padre da paróquia local oferecer-lhe a oportunidade de estudar em um seminário na Bahia. Como ele mesmo dizia: “as pessoas letradas que conhecíamos na cidade eram padres e professores”. Em fevereiro de 1964, aos 17 anos, iniciou seus estudos no seminário em Itaóca, na Bahia, conseguindo lá concluir o ensino fundamental e médio.

Por conta de uma grave doença de seu pai, responsável pelo sustento da família, deixa o seminário e passa um breve período em Minas Gerais, decidindo ir para o Rio de Janeiro, em 1970, onde já vivia um de seus irmãos, em busca de trabalho para auxiliar seus pais e irmãos menores.

Decide seguir sua verdadeira vocação: as Letras. Faz sua graduação no Cades (Campanha de Aperfeiçoamento e Difusão do Ensino Secundário) na Universidade Federal da Bahia (1970). No Rio de Janeiro, passou em primeiro lugar para Faculdade Pedro II e se destacou como um dos melhores alunos da turma, onde fez Letras (Português/Literatura) (1973).

Dando seguimento à sua jornada acadêmica, fez mestrado em Linguística e Filologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1986) e doutorado em Linguística e Filologia pela mesma universidade (1991).

Atuou na rede particular de ensino no Rio de Janeiro até a década de 1980 e como professor de língua portuguesa na rede estadual de ensino até o início da década de 1990.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Aposentado pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), foi membro da Diretoria do Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos (CiFEFiL) desde a sua fundação (1994), assim como participou por doze anos da Diretoria da Academia Brasileira de Filologia (ABRAFIL), quando tornou-se membro de seu quadro efetivo.

Atuou como docente na Universidade Federal do Acre (UFAC – especialização e graduação, como professor visitante), na Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-Minas – coordenador e docente da especialização em Filologia), na Universidade Salgado de Oliveira (UNIVERSO – especialização), na Universidade Estácio de Sá (UNESA – especialização) e na Universidade Veiga de Almeida (UVA – graduação).

Durante sua jornada acadêmica, José Pereira esteve envolvido em inúmeros projetos de pesquisa. Aqui vamos destacar apenas grandes contribuições, que conhecemos de perto para ilustrar sua importância para a área de Letras.

2. Edição crítica da obra de Alexandre Rodrigues Ferreira

Alexandre Rodrigues Ferreira nasceu na Bahia, no dia 27 de abril de 1756, e morreu em Lisboa no dia 23 de abril de 1815. Em 1777, foi o nomeado pela Rainha D. Maria I como “o primeiro naturalista português” foi encarregado da expedição científica denominada “Viagem Filosófica” (que complementou a Comissão de Demarcação de Limites entre as fronteiras dos domínios de Portugal na América), indubitavelmente o maior empreendimento científico realizado no Brasil pela Coroa Portuguesa em todo nosso período colonial. Sua função era descrever todos os seres dos três reinos da natureza (mineral, animal e vegetal) encontrados na Amazônia Brasileira e parte da Bacia do Rio Paraguai (de modo que os limites dos domínios portugueses não se confundissem posteriormente com os dos vizinhos espanhóis). Essa descrição foi feita de três modos, principalmente:

a) por escrito, por intermédio de relatórios denominados de “relações”, “notícias”, “memórias” ou “tratados”, além de uma farta correspondência, com centenas de documentos escritos de próprio punho ou encomendados a outros especialistas que a Rainha colocou a serviço da expedição;

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

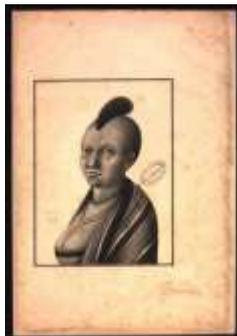
b) por desenhos com mais de mil obras preparadas principalmente pelos dois “desenhadores” (Joaquim José Codina e José Joaquim Freire) que o acompanharam pela selva amazônica e pelo arquiteto italiano Antônio José Landi;

c) por amostras tecnicamente preparadas aos milhares e cuidadosamente enviadas para o Real Gabinete de História Natural, para as quais contou principalmente com o trabalho do botânico Agostinho José do Cabo e de dois índios por ele preparados.

Essa expedição permaneceu nas selvas por quase dez anos (de 1783 a 1792), com mais de uma centena de pessoas permanentemente a serviço da pesquisa científica, percorrendo uma distância que, aproximadamente, equivale a uma volta ao mundo, pelos vales dos rios Tocantins, Amazonas, Negro, Madeira, Paraguai e muitos de seus diversos afluentes.

Os documentos resultantes dessa viagem interessam a todas as áreas do conhecimento humano, que naquele tempo não estavam classificadas de acordo com os padrões atuais, destacando-se pelo menos as seguintes especialidades: Medicina e Farmácia, Biologia, Zoologia, Botânica, Agricultura e Ecologia, História (Social, Militar, Religiosa), Geografia (Geografia Humana, Geografia Física), Geologia, Mineralogia, Etnografia, Antropologia, Artes Plásticas, Arquitetura, Arqueologia, Linguística (Língua Portuguesa, Línguas Indígenas), Filologia, Literatura (Literatura de Viagem, Retórica, Oratória), Política, Administração Pública.

Figura 1: Índia Jurupixuna – imagem retirada da obra de Alexandre Rodrigues Ferreira.



Fonte: <http://bdib.bn.gov.br/acervo/handle/20.500.12156.3/14538>.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Para a área de Letras, os textos correspondem ao que se tem chamado de “literaturas dos viajantes”, além de alguns outros que se colocariam no gênero da oratória ou da retórica. Para Alfredo Cabral, Alexandre Rodrigues Ferreira deve ter contribuído com aproximadamente uns dez mil novos termos de origem indígena ao vocabulário da língua portuguesa do Brasil.

Com a fuga da família real para o Brasil, o naturalista preferiu ficar em Portugal na esperança de publicar com Napoleão. Infelizmente, sua obra foi levada para Paris e devolvida parcialmente apenas às vésperas de sua morte.

Figura 2: Prospecto da frontaria exterior do palácio da residência dos Excelentíssimos Generais da Cidade e Capitania do Pará, de Joaquim José Codina.



Fonte: <https://www.brasiliaiconografica.art.br/obras/17997/prospecto-da-frontaria-exterior-do-palacio-da-residencia-dos-excelentissimos-generais-da-cidade-e-capitania-do-para>

Sendo avaliada e aconselhada a sua publicação, por meio da Academia Real de Ciências, o governo de Portugal desistiu de fazê-la, por estar em grande dificuldade financeira. Por isto, o governo brasileiro, através do Barão de Drummond, conseguiu a transferência para a Biblioteca Nacional do acervo que estava na Academia Real de Ciências, com o compromisso do Imperador de publicá-la. Como D. Pedro II era membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, começou a publicar ali a *Viagem Filosófica ao Rio Negro* e alguns outros fragmentos de sua

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

obra, já nos estertores da Monarquia, exatamente nos quatro últimos anos que precederam a proclamação da República.

Figura 3: Memória sobre máscaras e farsas que fazem para os seus bailes o gentio Yurupixuna, segundo a fez desenhar e remeter para o Real Gabinete de História Natural o doutor naturalista Alexandre Rodrigues Ferreira.



Fonte: <http://bdlb.bn.gov.br/acervo/browse?order=ASC&rp p=20&sortby=-1&value=Ferreira%2C+Alexandre+Rodrigues %2C+1756-1815&etal=-1&offset=40& ty pe=author>

Até recentemente este foi o maior conjunto de documentos da Expedição de Alexandre Rodrigues Ferreira que já se publicou, reeditado, por sinal, no segundo centenário do início daquela viagem (1983), só superado graças aos esforços de José Pereira, que conseguiu publicar a coleção *Viagem ao Brasil de Alexandre Rodrigues Ferreira*, organizada por Cristina Ferrão e José Paulo Monteiro Soares e publicada pela Kapa Editorial.

Segundo José Pereira, a crítica textual é a ciência e a arte de reconstrução de um texto, cujo ponto máximo é a publicação da edição crítica e o seu principal objetivo está em investigar a autenticidade dos textos. Assim, faz parte do trabalho examinar e provar a fidedignidade e a autenticidade do autor, a época em que foi escrito, fatores de ordem histórico-social, jurídica, política, econômica, ideológica, religiosa, econômica, etc. O desafio estava em demonstrar se os textos eram de autoria comprovada (autógrafos) ou de fonte duvidosa (apógrafos).

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

O texto crítico, o texto fiel, se caracteriza pelo processo de seu estabelecimento e de sua motivação: além da recensão, do estema, da colação, da interpretação, encerra o aparato crítico, sem falar da introdução, em que se fixam os critérios gerais e especiais, se for o caso. Na obra de Alexandre Rodrigues Ferreira, além do rigor científico com que foi feito, foi trabalhoso, moroso e, pois, dispendioso. Por isso, as edições anteriores não observaram as normas ecdóticas. Para manter o seu compromisso com a publicação, levantou-se a seguinte questão: quais regras podem ser legitimamente dispensadas, sem que, contudo, cesse a validade científica, a fidedignidade da publicação? A resposta é alternativa pensando foi:

a) ou bem se reproduz, *ipsis litteris*, o texto, segundo a estampação *fac-similar* (modernamente ainda – e por muito tempo – justificável) ou a composição diplomática (com os riscos e as contra-indicações),

b) ou bem se estabelece um texto idôneo, fidedigno, porém sem a totalidade do rigor ecdótico.

Tal texto idôneo, fidedigno – não propriamente crítico –, deveria basear-se nos seguintes princípios:

1º) deve ser calçado sobre um único exemplar-fonte – que a história externa do texto determinará pura e simplesmente como base;

2º) deveria ter uma indicação prévia do critério que presidiu ao seu estabelecimento, critério em que se puseram de manifesto quais as regras de crítica textual que foram observadas e quais deixaram de o ser;

3º) poderia se dispensar o aparato crítico indicador de variantes e discrepâncias para encerrar um sucedâneo desse aparato, para o fim informativo fundamental que orientar sua publicação, com a indicação, se fosse o caso, das variantes de formulação que pudessem dar margem a interpretação diferente do texto estabelecido, do ponto de vista conceitual e nocional.

Assim, a edição da obra de Alexandre Rodrigues Ferreira que feita para Kapa Editorial foi uma leitura diplomático-interpretativa, corresponde ao segundo tipo edições fiéis e textos fidedignos.

Vale lembrar que esse levantamento custou muitas horas de consulta a acervos no Brasil e Portugal em um período pré-*internet*.

3. *Dicionário Brasileiro de Fraseologia*

O *Dicionário Brasileiro de Fraseologia* tinha a intenção de ser um corpus bastante “completo” de expressões e frases feitas, sejam as locuções que substituem lexemas da língua, sejam as formas de “discurso repetido” equivalentes a textos da literatura oral, como são os provérbios, adágios, anexins, adivinhas etc. da língua portuguesa.

O projeto surgiu da constatação da inexistência de material organizado e suficientemente amplo desta espécie de material, para servir de suporte aos estudiosos do modo de dizer e da chamada literatura oral brasileira.

Segundo José Pereira, o que ele havia organizado já constituía o equivalente a, pelo menos, cinco vezes mais que o maior acervo desse tipo de material linguístico e literário Disponível em: obra impressa, seguindo o modelo proposto por Antenor Nascentes e Leonardo Mota.

Até aquele momento, as diferentes formas do “discurso repetido” ainda não haviam sido organizadas em coletâneas amplas para que o pesquisador interessado pudesse obter um corpus representativo da literatura oral da língua. Entre os trabalhos de destaque até então havia o *Adagiário Brasileiro*, de Leonardo Mota, que apresenta exemplos equivalentes de diversas outras línguas; o *Tesouro da Fraseologia Brasileira*, de Antenor Nascentes, que traz explicações sobre a origem de algumas das expressões; o *Dicionário de Locuções da Língua Portuguesa*, de Euclides Carneiro da Silva, que inclui exemplificação do uso dessas locuções em obras literárias; e o *Novo Dicionário de Termos e Expressões Populares*, de Tomé Cabral, que inclui o significado e exemplificação do seu emprego em trabalhos de literatura popular brasileira, principalmente nordestina.

Com a sua típica generosidade, José Pereira fez o levantamento de um *corpus* para que “outros possam realizar estudos mais particulares e academicamente mais valorizados sobre a expressividade popular de uma língua”.

José Pereira tentou organizar o dicionário da melhor forma possível para atender às demandas dos vários pesquisadores. Para isso, buscou a definição e a classificação mais precisa possível para cada um dos diversos tipos de expressões linguísticas, a fim de serem melhor estudadas, conhecidas e utilizadas pelas pessoas, sobretudo, nas ocasiões em que o uso delas tornasse conveniente e necessário. Além disso, elas

foram classificadas, segundo o nível linguístico que apresentavam, em dois grupos: um como texto e outro como sintagma.

Ao nível de texto, encontramos os provérbios, os ditados, máximas, as sentenças, os aforismos etc. Ao nível de sintagma, encontramos as “perífrases léxicas”, segundo terminologia de Coseriu, incluindo aí todas as expressões fixas inferiores à oração.

Ele considerou “discurso repetido” qualquer tipo de expressão fixa cujos elementos não sejam substituíveis segundo as regras atuais da língua, importando, principalmente, o seu conceito de “expressões pré-fabricadas” que ficam alheias à técnica do discurso propriamente dito. As expressões fixas em nível de texto são todas as que correspondem a uma unidade com sentido completo, em qualquer nível de complexidade. Podem corresponder a uma oração, a um período e até a uma unidade mais complexa.

As expressões fixas em nível de sintagma são todas as que estão abaixo do nível da oração, unidades combináveis na oração e comutáveis com sintagmas e com simples palavras, cuja interpretação se faz ao nível do léxico, funcionando como unidades léxicas, pouco importando o número e a complexidade dos elementos constituintes discerníveis. Dada a flutuação por que passa essa terminologia, não é nada fácil definir os diversos tipos dessas “expressões fixas” para se poder apresentar uma tentativa de classificação definitiva.

Em princípio, foram adotadas a disposição dos verbetes oferecida por Antenor Nascentes no seu *Tesouro da Fraseologia Brasileira*, como forma preliminar de uniformidade da apresentação do trabalho, prometendo estudar maneiras de aperfeiçoá-la:

1 – Havendo substantivos ou palavras substantivadas, neles é feita a indicação;

2 – Seguem-se em ordem de preferência verbo, adjetivo, pronome e advérbio;

3 – Existindo duas palavras da mesma categoria, a primeira tem preferência;

4 – Os substantivos pessoa e coisa, o pronome alguém, quando não são parte essencial da expressão, não se levam em conta, assim como os verbos auxiliares;

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

5 – Dentro do verbete, as expressões são colocadas em ordem alfabética, começando pelas que se iniciam pela palavra-chave. Entre parênteses, foi indicado a fonte de consulta e/ou de abonação apresentada, exceto as que provêm do *Tesouro da Fraseologia Brasileira*, de Antenor Nascentes, ou do *Adagiário Brasileiro*, de Leonardo Mota, tomados como nossos textos de base para as contribuições a nível lexical e a nível textual respectivamente.

Segue o exemplo do verbete *cão* (o destaque em itálico é nosso):

A *cão* mordido todos chicoteiam.

A *cão* mordido todos o mordem.

Acordar o *cão* que dorme. Estimular o inimigo que estava quieto; bulir em coisas que estavam esquecidas e de que pode resultar mal; suscitar ideias, lembrar coisas perigosas.

Cão do(s) inferno(s). 1) Expressão insultuosa. “Tenho fé em Deus, *cão* dos infernos, que...” (PBC 56²⁵⁸). “Negro nojento! Macho desgraçado! *Cão* do inferno!” (CPS 67²⁵⁹). 2) Pode encerrar também expressão de elogio. “... era o *cão* do inferno no riscado de um tango” (SSS 38²⁶⁰).

Cão que ladra não morde. Pessoa que fala muito e ameaça, não é capaz de fazer mal (CA²⁶¹).

Cão que ladra, guarda-te dele.

Com o *cão* nos couros. Com o maldito nos couros, com o diabo nos couros. Possesso. Muito irado, furioso. Com maus instintos. “Parece que andava com o *cão* nos couros” (MLV 174²⁶²). “Este moleque anda com o *cão* nos couros” (CPS 113²⁶³).

²⁵⁸ Pedro Batista. *Cangaceiros do Nordeste*, cit. por TC.

²⁵⁹ Caio Porfírio Carneiro. *O Sal da Terra*, cit. por TC.

²⁶⁰ Sinval Sá. *O Sanfoneiro do Riacho da Brígida*, cit. por TC.

²⁶¹ Caldas Aulete. *Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa*. 5. ed. Rio de Janeiro: Delta, 1970, 5 vol.

²⁶² Mário Landim. *Vaca Preta e Boi Pintado*, cit. por TC.

²⁶³ Caio Porfírio Carneiro. *O Sal da Terra*, cit. por TC.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Como o *cão*. Expressão comparativa, de sentido vel. “Feio como o *cão*” (JAD 79²⁶⁴).

De *cão*. Desagradável, infeliz, horrível, triste, intolerável. “Pas-sara uma noite de *cão*” (JAD 39²⁶⁵). “Isso não é vida. É vida de *cão*!” (TC²⁶⁶).

Enquanto o *cão* esfrega o olho. Em poucos instantes; num ápi-ce. Quando menos se espera. “Se fizesse força, o veneno ganhava o sangue, enquanto o *cão* esfregava um olho” (JCA 210²⁶⁷).

Entre o *cão* e o lobo. A boca da noite, ao lusco-fusco; no crepúsculo (AC²⁶⁸). Com o entendimento pouco claro, um tanto toldado. “E às horas do meio-dia andar entre o *cão* e o lobo” (Sá de Miranda) (CA²⁶⁹).

Fugir de alguém como de um *cão* danado. Evitar esta pessoa de todos os modos possíveis. Toda a gente tem medo de ser mordida por *cão* danado.

Levar vida de *cão*. Levar vida trabalhosa e miserável (CA²⁷⁰).

Mal ladra o *cão*, quando ladra de medo (JT²⁷¹).

Morrer como um *cão*. Morrer desprezado, abandonado de todos. Nem os cães o querem. Diz-se de alguém ou de alguma coisa que para nada presta (CA²⁷²).

²⁶⁴ Jorge Amado. *Dona Flor e Seus Dois Maridos*, cit. por TC.

²⁶⁵ Jorge Amado. *Dona Flor e Seus Dois Maridos*, cit. por TC.

²⁶⁶ Tomé Cabral. *Novo Dicionário de Termos e Expressões Populares*. Fortaleza: UFC, 1982, 786p.

²⁶⁷ Jader de Carvalho. *Aldeota*, cit. por TC.

²⁶⁸ Agenor Costa. *Dicionário de Sinônimos e Locuções da Língua Portuguesa*. (Suplemen-to). Rio de Janeiro: [Jornal do Commercio], 1952, 253p.

²⁶⁹ Caldas Aulete. *Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa*. 5. ed. Rio de Janeiro: Delta, 1970, 5 vol.

²⁷⁰ Caldas Aulete. *Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa*. 5 ed. Rio de Janeiro: Delta, 1970, 5 vol.

²⁷¹ João Nepomuceno Torres. *A Gíria Brasileira*: coleção de anexins, adágios, rifões e locuções populares. Bahia: [s.e.], 1899, 234 p.

²⁷² Caldas Aulete. *Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa*. 5 ed. Rio de Janeiro: Delta, 1970, 5 vol.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

O cão e o menino só vão aonde lhe fazem mimo (JT²⁷³).

Onde o cão perdeu a(s) espoira(s) Lugar distante, de difícil acesso, atrasado, sem atrativos etc. “Esta terra é terra onde o cão perdeu a espoira” (JCS 146²⁷⁴).

Preso por ter cão, preso por não ter. Culpado, de qualquer modo, por fazer uma coisa, e por não fazê-la. Estar sobre domínio do arbítrio (MP²⁷⁵).

Quando se amarravam cães com linguças (JT²⁷⁶).

Quem com cães se deita, com pulgas se levanta (JT²⁷⁷).

Ser como o cão com o gato. Diz-se das pessoas que estão sempre em briga entre si (CA²⁷⁸).

Ser o cão em figura de gente. Ser peralta, desordeiro. “Era o cão em figura de gente” (PDC 124²⁷⁹).

Tempo em que o cão era menino. De tempos remotos, imemoriais. “Está visto que o falar é muito velho, ainda do tempo em que o diabo era menino” (OLE 33²⁸⁰).

Ter arte com o cão. Ter pacto com o diabo, ser endemoninhado ou feiticeiro. “Aquilo tem artes com o cão” (PLC 150²⁸¹).

²⁷³ João Nepomuceno Torres. *A Gíria Brasileira*: coleção de anexins, adágios, rifões e locuções populares. Bahia: [s.e.], 1899, 234 p.

²⁷⁴ Márcio Pugliesi. *Dicionário de Expressões Idiomáticas*. São Paulo: Parma, 1981, 309 p.

²⁷⁵ Márcio Pugliesi. *Dicionário de Expressões Idiomáticas*. São Paulo: Parma, 1981, 309 p.

²⁷⁶ João Nepomuceno Torres. *A Gíria Brasileira*: coleção de anexins, adágios, rifões e locuções populares. Bahia: [s.e.], 1899, 234 p.

²⁷⁷ João Nepomuceno Torres. *A Gíria Brasileira*: coleção de anexins, adágios, rifões e locuções populares. Bahia: [s.e.], 1899, 234 p.

²⁷⁸ Caldas Aulete. *Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa*. 5 ed. Rio de Janeiro: Delta, 1970, 5 vol.

²⁷⁹ Paulo Dantas. *O Capitão Jagunço*, cit. por TC.

²⁸⁰ Oswaldo Lamartine de Faria. *Encouramento e Arreios do vaqueiro do Seridó*, cit. por TC.

²⁸¹ Péricles Leal. *Caminhos da Danação*, cit. por TC.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Ter parte (ou pauta) com o *cão*. Ter pacto com o diabo, ser endemoninhado ou feiticeiro. “Houve até quem acreditasse naquilo, como se tivesse parte com o *cão*” (JBM 28²⁸²).

4. Eventos em todo o país

Os eventos desenvolvidos pelo Professor José Pereira tinham relação com a criação do Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos (CiFEFiL). O grupo surgiu a partir de uma ideia de Emmanuel Macedo Tavares, em parceria com Álvaro Alfredo Bragança Júnior, que convidaram os Professores Ruy Magalhães de Araujo e José Pereira da Silva para, juntos, organizarem um Círculo de Estudos. Estatutos redigidos, pôde-se registrar o Círculo como entidade sem fins lucrativos e com objetivos de promoção cultural e de intercâmbio com outros centros de estudos espalhados pelo Brasil para que em 1994 fosse criado o oficialmente a instituição.

A motivação da criação do CiFEFiL foi o desprestígio enfrentado pela Filologia na Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, culminando no fechamento do curso de Filologia Românica no Mestrado e no Doutorado, e com a necessidade intelectual e cultural de seus amantes defensores de incrementar os estudos na especialidade. Em relação de coexistência e de atuação está a ciência Linguística, que, por ser mais nova, pôde abrir generosos espaços nos meios acadêmicos para a informação e posterior formação de novos adeptos desses estudos.

O CiFEFiL promoveu cursos e semanas de estudos em universidades públicas e privadas, além de editar e publicar para todo o Brasil a Revista *Philologus*, periódico quadrimestral.

Foto: Congresso Nacional de Linguística e Filologia, UERJ-FFP (1997)



²⁸² Juarez Barroso. *Mundinha Panchico e o Resto do Pessoal*, cit. por TC.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Em novembro de 1997, o Círculo promoveu o seu primeiro Congresso Nacional de Linguística e Filologia, na Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, em São Gonçalo-RJ.

Em dezembro de 1998 promoveu a I Jornada Nacional de Filologia, no Instituto de Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, no Rio de Janeiro.

Assim, durante 26 anos de existência, o Círculo também promoveu outros eventos além dos 21 congressos nacionais, dos 2 congressos internacionais e das 2 jornadas nacionais, 8 edições da Semana Nacional de Estudos Filológicos e Linguísticos, em que acadêmicos de alto nível difundiram as suas pesquisas e compartilharam suas experiências em docência, contribuindo para o estabelecimento dos estudos em Filologia e em Linguística.

A primeira Semana Nacional de Estudos Filológicos (SENEFIL) ocorreu em 1995. Foram realizados até 2019, 11 edições do Simpósio Nacionais de Estudos Filológicos e Linguísticos.

Paralelamente a essas atividades acadêmicas, que se realizam em uma determinada Instituição, o Círculo começou a promover uma Jornada Nacional, que ocorre simultaneamente em diversas partes do país em um único dia. A jornada se efetiva com um Coordenador Local sob a coordenação do Diretor Cultural ou do Diretor-Presidente do Círculo, que atua como Coordenador Geral, desde 2006, quando foi instituído o “Dia Nacional da Língua Portuguesa” (dia 5 de novembro). O Círculo criou a Jornada Nacional de Estudos Filológicos e Linguísticos da Língua Portuguesa (JNLFLP), que contou com a média de 10 Instituições de todo o país em cada edição.

Foto: Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (2017).



5. Considerações finais

O professor José Pereira deixou um legado com sua generosidade, abrindo caminho para o surgimento de novos pesquisadores, estudiosos que estavam começando e que nem sempre tinham espaço para divulgação de seus trabalhos. A popularização da Revista *Philologus*, por exemplo, representou o fortalecimento e o incentivo à pesquisa, desenvolvido em instituições de todo o país. José Pereira também gostava de estar presente nos diversos eventos de Filologia, em congressos e jornadas em rede, que puderam contar com suas visitas a inúmeras instituições, como a UEMS, que foi muito beneficiada com seu saber.

Além de trabalhos, como a organização da obra do naturalista brasileiro Alexandre Rodrigues Ferreira, com a coleta de seus manuscritos nas mais variadas bibliotecas do país, e o *Dicionário Brasileiro de Fraseologia*, que ainda aguarda a publicação da versão final, servirão como referência inédita para todos os interessados em expressões idiomáticas.

Além disso, o legado acadêmico de José Pereira foi de formar um grupo enorme de novos pesquisadores, que seguiram seus passos em diversas universidades em todo o país, porque foram acolhidos, estimulados a dar o melhor de si e desafiados a pesquisar, apesar das diversidades. Ao mesmo tempo, sua preocupação com a produção de obras de referência, como as citadas acima, ofereceu uma fonte rica de pesquisas tendo como base os levantamentos e a organização de dados que realizou tanto na *Edição crítica de Alexandre Rodrigues Ferreira* e no *Dicionário Brasileiro de Fraseologia*. Com isso, seu trabalho permanece vivo tanto por meio dos pesquisadores formados, quanto pelos frutos que seu trabalho já deixou e continuará deixando.

A proposta foi apenas apresentar alguns trabalhos de José Pereira, como uma singela homenagem de seu orientando na graduação e de alguém o carrega no coração.